REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE PROFESSORAS(ES) QUE ATUAM NO ENSINO MÉDIO: CONCEPÇÕES SOBRE EDUCAÇÃO INTEGRAL EM SEXUALIDADE

SOCIAL REPRESENTATIONS OF HIGH SCHOOL TEACHERS: CONCEPTIONS OF COMPREHENSIVE SEXUALITY EDUCATION

Juliana Marques Castilho de Matos
Mestre em Educação Sexual
GEPEDIS (Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação, Diversidades, Inclusão e Sexualidades)
Faculdade de Ciências e Letras/ FCLAr
Programa de Pós-graduação em Educação Sexual - Araraquara/SP - UNESP
juli_castilho@yahoo.com.br
Orcid: https://orcid.org/0009-0004-1101-85291
http://lattes.cnpq.br/1807701525412720

Giovanna Souza Picolo
Mestre em Educação Sexual
GEPEDIS (Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação, Diversidades, Inclusão e Sexualidades)
Faculdade de Ciências e Letras/ FCLAr
Programa de Pós-graduação em Educação Sexual -Araraquara/SP - UNESP
giovanna.picolo@unesp.br
https://orcid.org/0000-0002-7961-5707
http://lattes.cnpq.br/2597581066412235

Andrei Lopes Ferreira
Mestrando em Educação
GEPEDIS (Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação, Diversidades, Inclusão e Sexualidades)
Instituto de Biociência/Departamento de Educação IB/DE
Programa de Pós-graduação em Educação - Rio Claro/SP - UNESP
andrei.ferreira@unesp.br
https://orcid.org/0009-0004-1291-5192
http://lattes.cnpq.br/1583704617189978

Andréa Fernandez Griffo
Mestranda em Educação Sexual
GEPEDIS (Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação, Diversidades, Inclusão e Sexualidades)
Faculdade de Ciências e Letras/ FCLAr
Programa de Pós-graduação em Educação Sexual -Araraquara/SP - UNESP
andrea.griffo@unesp.br
https://orcid.org/0009-0001-3666-8710
http://lattes.cnpq.br/2657379304128250

Claudio Rodrigues Alves
Mestre em Educação Sexual
GEPEDIS (Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação, Diversidades, Inclusão e Sexualidades)
Faculdade de Ciências e Letras/ FCLAr
Programa de Pós-graduação em Educação Sexual -Araraquara/SP – UNESP
cr.alves@unesp
https://orcid.org/0000-0003-3140-7375
http://lattes.cnpq.br/5431900416035799

Monique de Carvalho Sá
Mestranda em Educação Sexual
GEPEDIS (Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação, Diversidades, Inclusão e Sexualidades)
Faculdade de Ciências e Letras/FCLAr
Programa de Pós-graduação em Educação Sexual -Araraquara/SP – UNESP
monique.carvalho@unesp.br
https://orcid.org/0009-0006-2007-0999
http://lattes.cnpq.br/6860792812526545

Rinaldo Correr
Doutor em Psicologia Social e do Trabalho (USP)
GEPEDIS (Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação, Diversidades, Inclusão e Sexualidades)
Universidade Estadual Paulista/UNESP
rinaldo.correr@unesp.br
https://orcid.org/0000-0002-8314-1647
http://lattes.cnpq.br/7798981076115942

RESUMO: Em nossa sociedade contemporânea, torna-se fulcral considerar, cada vez mais, a complexidade da educação em sexualidade, tema que perpassa a história e as subjetividades dos sujeitos. Este artigo tem como escopo identificar as Representações Sociais (RS) em relação à educação sexual, à sexualidade e ao gênero no contexto escolar de professoras (es) que atuam no ensino médio em uma escola estadual no interior do estado de São Paulo. O método utilizado para procedimento de coleta de dados, baseou-se em entrevistas semiestruturadas, com questões abertas. Utilizamos como referencial teórico-metodológico a Teoria das Representações Sociais para interpretar e analisar os dados obtidos com a pesquisa. Trata-se de um estudo qualitativo, descritivo, exploratório e transversal, realizado com cinco professoras(es), tendo por objetivo identificar as RS das temáticas citadas em seus fazeres pedagógicos. Os resultados apontaram que a educação sexual é uma temática especialmente relevante para os docentes, visto a manifestação de conteúdos, reverberações e expressões de sexualidade na escola. No entanto, formações insuficientes, responsabilização da família, interferência de valores pessoais e religiosos, associados ao silenciamento, tabus e inseguranças sobre o assunto, revelaram-se como fatores que limitam o desenvolvimento da educação em sexualidade. Notadamente, o momento político atual culminou em retrocessos, evidenciando tensões referentes ao tema. Neste horizonte, é imprescindível trazer à luz estas discussões, tanto no processo de formação inicial, quanto na continuada das professoras(es). No contexto desta pesquisa, ficou evidenciado a importância das propostas que visam o aprofundamento das análises, suscitando outras intencionalidades e práticas pedagógicas concernentes à sexualidade e gênero.

Palavras-chave: Educação sexual. Gênero. Ensino médio. Brasil.

ABSTRACT: In our contemporary society, it is becoming increasingly important to consider the complexity of sexuality education, a subject that permeates the history and subjectivities of individuals. The aim of this article is to identify the Social Representations (SR) in relation to sex education, sexuality and gender in the school context of female teachers who work in secondary education in a state school in the interior of the state of São Paulo. The method used for data collection was based on semi-structured interviews with open questions. We used the Theory of Social Representations as a theoretical-methodological framework to interpret and analyze the data obtained from the research. This is a qualitative, descriptive, exploratory and cross-sectional study carried out with five teachers, with the aim of identifying the SR of the themes mentioned in their pedagogical practices. The results showed that sex education is a particularly relevant topic for teachers, given the manifestation of content, reverberations and expressions of sexuality at school. However, insufficient training, the responsibility of the family, the interference of personal and religious values, coupled with silence, taboos and insecurities about the subject, proved to be factors that limit the development of sexuality education. Notably, the current political climate has culminated in setbacks, highlighting tensions on the subject. In this context, it is essential to bring these

discussions to light, both in the process of initial and continuing teacher training. In the context of this research, the importance of proposals aimed at deepening the analysis, giving rise to other pedagogical intentions and practices concerning sexuality and gender, became clear.

Keywords: Sex education. Gender. High school. Brazil.

1 INTRODUÇÃO

Ao abordar a temática da sexualidade, frequentemente parte-se de uma concepção binária e biologizante, pela qual as suas expressões se reduzem a masculino e feminino, e a seus aspectos reprodutivos, ignorando a complexidade e as implicações sociais associadas às construções de gênero. A adolescência, especialmente, é marcada pelo início de mudanças biológicas ligadas à sexualidade. Esse aspecto, contraditoriamente, sofre restrições sociais para o controle e adiamento dessa vivência, concomitantemente com um intenso incentivo do seu exercício (Domingos, Santana, Zanatta, 2021), o que se torna muito relevante no processo educacional, visto que os processos identitários da adolescência costumam acontecer nesses espaços.

A publicação dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) marca a formalização da Educação Sexual nas escolas (Brasil, 1997b, p. 287), de maneira transversal, durante toda a proposta curricular do processo de escolarização. A partir dos PCNs a Educação Sexual se efetivou, porém, o que se tem observado é que depende de ações particularizadas, relegadas a estratégias acessórias, tendo, como consequência, o baixo incentivo quanto ao planejamento e à formação continuada nessa área (Silva, 2014; Barbosa, Viçosa e Folmer, 2019).

Figueiró (2018) reflete que, para trabalharmos com educação sexual, precisamos fazer um exercício de autorreflexão, pois a sexualidade faz parte do que somos, estando na base dos nossos pensamentos e sentimentos. Na atualidade, diversos cursos de graduação, relacionados à saúde e à educação, têm reconhecido a necessidade e a importância de trazer o tema sexualidade durante a formação, sendo reconhecido o fundamental papel desempenhado pela escola, no que diz respeito à formação de crianças e adolescentes (Martins, Barbosa e Defani, 2024). A curricularização da Educação Integral em Sexualidade nos Cursos de Formação de Professores é corroborada pelos estudos de Picolo e Rossi (2024) e Silva, Brancaleoni e Oliveira (2019) que afirmam que temáticas de alta relevância social, como gênero e sexualidades, são pouco abordadas e discutidas nas escolas, nos cursos de graduação e de formação de professores. No Brasil, o número de cursos de formação docente que oferecem aprofundamento em relação a questões da sexualidade ainda é reduzido, bem como são escassas as disciplinas que abordam a temática nos currículos de graduação em Pedagogia (Manchini, 2022). Em decorrência, os educadores, após a graduação, buscam formações e capacitações; entretanto, na maioria das vezes, não são continuadas e incorporadas ao Projeto Pedagógico, e abordam o assunto de forma pontual e externa ao cotidiano escolar. Este fato, pode ser decorrente de questões referentes a preconceitos ou de pouca preocupação acerca dessas temáticas por parte de políticas educacionais brasileiras (Silva, Brancaleoni e Oliveira, 2019).

Matthke (2017) discute sobre as dificuldades apresentadas por docentes em dialogar e abordar temáticas como homofobia e sexismo nas instituições escolares, especialmente no ensino particular. Em decorrência da falta de preparo, aprofundamento e domínio das temáticas, as abordagens, por vezes,

expressam pensamentos preconceituosos e normativos. Além disso, existe grande probabilidade da formação inicial dos professores ter ocorrido de modo não emancipatório, acrítico e sem possibilidades reflexivas (Picolo e Rossi, 2024).

A partir desta contextualização inicial, é importante apontar para a importância de uma proposta contínua e permanente da temática sexualidade e gênero no ensino formal, para que os cursos superiores, principalmente as licenciaturas, incluam em seus currículos estas questões (Soares e Monteiro, 2019).

Desta maneira, os objetivos deste artigo são analisar, partindo das representações sociais de professora(e)s que atuam no Ensino Médio em uma escola pública do interior do Estado de São Paulo, quais concepções podemos apreender acerca das práticas docentes, especificamente sobre educação sexual e gênero.

2 METODOLOGIA

Este estudo parte da fundamentação da Teoria das Representações Sociais que, segundo Moscovici (2004) são conhecimentos práticos embasados nas relações do senso comum, formuladas pelo conjunto de ideias da vida cotidiana e construídas por meio das conexões entre sujeitos e nas interações grupais. (Nogueira e Grillo, 2020).

A pesquisa de campo foi realizada em uma escola de município brasileiro do estado de São Paulo. Localizada em território popular, atende diversos bairros periféricos e oferece ensino em nível fundamental e médio, tendo, no momento de realização da pesquisa, 460 estudantes no ensino fundamental e 249 no ensino médio.

Utilizamos, para a pesquisa de campo, a técnica da entrevista semiestruturada, pela qual, buscamos possibilitar a evocação de ideias relacionadas à sexualidade, ao gênero e às políticas públicas voltadas à educação sexual. A entrevista pode ser parcialmente estruturada, quando é guiada por relação de pontos de interesse que o entrevistador vai explorando ao longo de seu curso (Gil, 2003; Camargo e Correr, 2011). O roteiro foi constituído por questões que versaram: a) Sobre a formação, inicial e continuada, na área de sexualidade e gênero; b) Questões referentes à atuação profissional na área de educação sexual e gênero na escola junto aos alunos do ensino médio; c) Evocação de ideias, por meio de frases indutoras, relacionadas à sexualidade, ao gênero, ao momento atual e às políticas públicas de educação sexual. Para a elaboração da entrevista, foi considerado o proposto por Bortolozzi (2020), inclusive no que diz respeito à sequência dos temas: a autora sugere que as perguntas iniciais versem sobre algo mais comum do cotidiano do participante, para, em seguida, realizar questões de opinião ou que exigem conhecimento.

Dos 22 professores convidados por meio da seleção de amostra por conveniência, seguindo critérios de ser docente do ensino médio da escola e aceitar participar livremente da pesquisa; cinco participantes foram entrevistados.

A análise dos dados que emergiram a partir das entrevistas ocorreu de acordo com as seguintes etapas: 1) profunda leitura dos discursos dos sujeitos com o objetivo de identificar as Representações Sociais; 2) listagem das classes de análise que evidenciam os elementos mais significativos. Assim, os dados passaram por análise flutuante, agrupamento e identificação do núcleo central, partindo do elemento periférico (mais sensível e menos recorrente) para o central (mais forte e predominante). Tal método objetiva reconhecer as representações sociais sobre educação sexual e gênero, tendo como pano de fundo a sexualidade, para os professores e compreender suas práticas no ambiente escolar.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir das informações obtidas por meio das entrevistas realizadas junto aos participantes, foram extraídas as classes temáticas apoiadas nas produções discursivas, como evidências das teorizações do senso comum. Assim, seguem os resultados e as discussões, a partir das RS elaboradas e compartilhadas por um grupo de professores que ocupam um mesmo território, uma escola pública de ensino médio, em uma cidade de médio porte do interior do estado de SP. Sendo esse grupo de pessoas de um mesmo segmento social, as classes de análise, elaboradas neste estudo, foram interpretadas e refletidas como indicadores da dinâmica dessas RS, que foram construídas em função do processo histórico, tenso e contraditório, e que guardam, em si mesmas, a potencialidade e a possibilidade da transformação do cotidiano escolar.

3.1 CARACTERIZAÇÃO DOS PARTICIPANTES

Os participantes podem ser compreendidos nas suas similitudes (servidores públicos atuantes no ensino médio) que lhes conferem trajetórias identitárias e comuns, e por suas singularidades, pois, embora originários de um mesmo lócus institucional, encontram-se em momentos distintos de suas histórias pessoais, seja a respeito do tempo de docência, da formação superior e de suas próprias convicções e valores acerca das temáticas estudadas. Essa visão inicial faz-se necessária para a compreensão do contexto socioeconômico como elemento importante para a formação das RS.

Sobre os participantes, a abordagem geral, registrada em diário de campo, indicou interesse e adesão, observados pela prontidão em participar das entrevistas, independentemente das condições impostas pela pandemia de COVID-19, causada pelo coronavírus da síndrome respiratória aguda grave 2 (SARS-CoV-2) (Brasil, 2019), culminando em incertezas no contato pessoal.

A Tabela 1 demonstra, de maneira integrada, esses participantes, pelos quais serão apresentadas e analisadas as RS.

Tabela 1 - Sujeitos participantes do estudo

	1	2	3	4	5	6	7	8
P1	F*	44	C***	Pedagogia Artes Visuais	Def. Intelectual Sala de Recursos Educação em Artes	5	2	Professora Artes Visuais
P2	F	55	C	Pedagogia	Educação Inclusiva	3	1	Professora Eletivas (Estética)
P3	M**	52	C	História Pedagogia Ciências (incompleta)	Sala de Aula Psicopedagogia Clínica	30	15	História Sociologia Geografia
P4	F	37	C	Letras/Português Pedagogia	Gestão Supervisão Educação Especial Psicopedagogia	16	3	Professora Sala de Leitura
P5	F	50	C	Letras	-	28	21	Professora Português

Fonte: elaborado pelos autores.
Legendas: 1. Gênero; 2. Idade (anos); 3. Estado civil; 4. Área de formação; 5. Pós-graduação; 6. Tempo de docência (anos); 7. Tempo de docência na escola pesquisada; (anos); 8. Cargo na instituição; * Feminino; ** Masculino; *** Casada

O tempo médio de docência entre os participantes é variável: em início de carreira e com larga experiência. Em relação ao tempo de atuação na escola onde a pesquisa foi realizada, três participantes atuam na escola há menos de cinco anos e dois há mais de 15 anos. Com idades entre 37 e 55 anos, são professoras(es) com algumas variações de funções e, nas suas identidades, apresentam diversidade na formação e nas disciplinas ministradas. No escopo deste trabalho, essa evidência é um dado relevante, visto que, o fenômeno sexualidade se manifesta, de maneira transversal, em todo o processo de elaboração dos conhecimentos acadêmicos, com repercussões no cotidiano escolar. Como proposto nos PCNS, os temas sobre sexualidade devem ser transversais, ou seja, abarcar todas as áreas do conhecimento (Moizés & Bueno, 2010).

3.2 CLASSES DE ANÁLISE DAS RS

Os resultados qualitativos deste estudo sinalizam o núcleo central, organizado de maneira sistemática e consistente, o que confere uma homogeneidade de RS, ligando os participantes a uma interpretação possível do universo maior da sociedade em que a Educação em Sexualidade ocorre. Assim, serão apoiados em sistemas periféricos, que sustentam formas convencionais de lidar com o fenômeno da sexualidade no processo pedagógico e na ação docente. Portanto, os resultados apontaram para a classe de

análise concepções sobre a educação em sexualidade que fundamentam a prática profissional, que será objeto de descrição e análise no item subsequente.

3.2.1 Concepções dos temas sexualidade e gênero na educação sexual

Neste bloco, quando indagados sobre as concepções acerca dos temas Sexualidade e Gênero na Educação Sexual, os participantes manifestaram RS que refletem seus valores pessoais e, por consequência, são elementos que ancoram e embasam as práticas no âmbito do cotidiano escolar.

Tabela 2 - Demonstração da classe temática concepções dos temas sexualidade e gênero na educação sexual, a partir da abordagem processual de elaboração do núcleo central e dos sistemas periféricos das RS dos participantes, utilizando a classificação hierárquica descendente.

VALORES	1. SOCIAIS	Crítica	Retrocesso	Direito dos jovens – não respeitado Descaso governo – políticas Política respalda violência de gênero Preconceito - Falta de Abertura Sofrimento psicológico/sexualidade Violência contra a mulher
	2. FAMILIARES	Papel	Tradicional Negação	Contradições - Conservadores Fonte: elaborado pelos autores. Desconhecimento e Desinformação Importância - valores familiares Intolerância com diversidade Pais se isentam - Negligência Questionar sem impor valores
	3. RELIGIOSOS	Repressão	Expressão	Complicada - Corpo objeto Exposição ao perigoso Intolerância – orientação sexual Heteronormativa – visão machista Vida sexual precoce - prazer
	4. EDUCACIONAL	Ação	Intervenção	Abordar – Aprender – Atualizar Auxiliar – Capacitar - Conhecer Dialogar – Esclarecer - Formar Informar – Orientar - Prevenir Respaldar - Respeitar
			Necessidade	Ausência na formação inicial Falta apoio - equipe multiprofissional Formação continuada insuficiente Negação papel professor ES Linguagem técnica/cientifica Visão biologista - conservadora

Fonte: elaborado pelos autores.

Na Tabela 2, estão demonstrados, por meio da abordagem processual das RS, os elementos semânticos constituintes que, por meio de elementos semânticos oriundos das entrevistas, articulados por laços e conexões, permitiram nomear classes que serão discutidas na sequência.

3.2.1.1 Valores Sociais – Crítica e retrocesso

Nessa primeira classe, as RS são referentes aos temas sexualidade, gênero e educação sexual e foram organizadas em torno dos valores sociais. Nessa centralidade, pela força centrípeta (que atrai para o centro),

convencional e consistente, as concepções abordam sobre o direito dos jovens à educação sexual, críticas ao momento político atual e indicadores de retrocesso. Dessa maneira, o exercício da sexualidade, assim como a educação sexual, é compreendido como direito dos jovens. No entanto, aparecem de forma ambígua, com restrições e repressões, fundamentadas nos valores pessoais e morais:

> *P2 - Eu acho assim, tem que ter a sexualidade sim... é, mas também tem que ter o respeito, porque, no ensino médio, você tem aluno ali de dezoito anos, tem aluno de vinte, você entendeu, tem professora linda, maravilhosa, que o aluno já, cai em cima... ai falta o respeito, eu acho. Mas, se as duas partes se encontram e tem um acordo ali, entre si, é normal. Tem que ser falado.*
> *P3 - Eu acho que... é muito, muito bom, é muito gratificante, poder ver nossos jovens estão alcançando isso aí, esse esclarecimento, se sabe, tem doenças, tem muita coisa, tem muita coisa inclusa aí.*

A ausência de respaldo e as dificuldades encontradas no ambiente escolar em relação a intervenções direcionadas à educação sexual são evidenciadas por afirmações que indicam descaso do governo:

> *P1 - Precisa ter mais respaldo, mais força, precisamos disso... esse assunto precisa ser tratado com mais seriedade.*
> *P2 - A nossa política, o nosso governo devia abraçar melhor essa causa.*
> *P5 - Também, tem que desenvolver isso em todas as áreas. Esse corpo, como que a gente fala... multidisciplinar, entendeu, que você pode orientar de várias formas, em todas as áreas e principalmente na educação.*

Podemos verificar, conforme indica a fala de P2, que as RS em relação às ações do governo versam sobre a existência de uma Política que respalda a violência de gênero:

> *P2 - A gente teve o exemplo daquela jovem que sofreu o estupro e, que coisa feia, eu chego arrepiar, sabe, uma coisa, tão assim... chega a dar nojo de tudo isso aí que está acontecendo no Brasil. Nunca vi essas coisas, imagina a família dessa moça, a situação que ela está passando e a única coisa que eu falo para você é assim, que oro a Deus por eles, porque eu não vou expor, assim, ficar brigando... na briga, numa mídia, porque eu acho que a justiça ela tem que abraçar isso aí e dar todo o respaldo para essa moça.*

Neste trecho, que realça uma notícia que elvolveu o estupro de uma menina de 10 anos de idade, que foi divulgada em larga escala pelos meios de comunicação de massa e por meio das redes sociais, como encontramos na reportagem publicada no Jornal El Pais,

> Vítima, estuprada por um tio, foi atendida no Recife após negativa de atendimento na cidade capixaba onde vive, mesmo com aval da Justiça. Ativistas radicais gritavam “Assassino” na porta da clínica neste domingo para que não se cumprisse a lei (Jimenez, 2020).

A insatisfação com o momento político, no momento em que o estudo foi realizado, é a expressão que demarca o grande retrocesso nas políticas voltadas à educação sexual e gênero, e o silenciamento dessa temática no âmbito escolar são evidenciados, pelas falas seguintes:

> *P3 - Difícil, complicadíssimo. está muito difícil em relação a essas questões (...).retrocesso. Então, nós fomos do oitenta para o oito. Eu acho que era demais, mas também não pode ser oito (..) Praticamente não existe esta discussão na escola.*

Diante das falas, é imperativo refletir sobre as consequências do atual cenário de retrocesso político no Brasil. A inexistência de discussões no espaço da escola a desigualdades, das discriminações sociais e das manifestações de violência no espaço escolar e em outros ambientes sociais. Refletir e discutir sobre essa temática certamente fortalecerá a luta pela afirmação dos direitos humanos no Brasil. Para Brandão e Lopes (2018),

> O debate sobre gênero e sexualidade na escola pode diminuir o machismo e a misoginia, conduzir à promoção da igualdade de gênero e da diversidade sexual, por meio do aprendizado do convívio com diferenças socioculturais. Assim, evitam-se situações de sofrimento, adoecimento e abandono escolar por razões que não competem somente a adolescentes. (p. 102).

Em contrapartida, também é expressa a insatisfação em relação à abertura para a educação em sexualidade e ao modo como a temática é abordada. O que pode ser destacado, pelas posições baseadas em valores religiosos, conservadores e morais. De acordo com os estudos atuais, essa influência gera, como resultado, atitudes conservadoras, que estão associadas a posturas anacrônicas, de rigor exacerbado, podendo levar à reprodução de práticas preconceituosas (Torres, 2024; Vicente, 2024 Paiva, Antunes e Sanches, 2020). As respostas da Participante 4, corroboram estas ideias:

> *P4 - Ridículas, ridículas. Voltadas a aceitação do homossexualismo, voltadas para a aceitação do ser humano como um ser... minha opinião? É então é ela. (...) Então, eu acho que a política, a forma como o governo está colocando, não... não acho que é correto. Eu acho que não é bem assim, não*

O contexto de isolamento social, decorrente da pandemia do novo coronavírus, de acordo com as RS, dificultou algumas respostas frentes as questões, especialmente ligadas ao tratamento desigual ligado ao gênero, conforme indica o trecho abaixo:

> *P1 - Devido a pandemia, não sabemos o que está acontecendo (...) Nesse momento, seria muito necessário mesmo, nesse momento de pandemia. Igual eu te falei, as crianças e jovens, estão vulneráveis dentro de seus lares, até as próprias mães que estão ali, estão sofrendo também, tanta mulher sofrendo aí, chegando até a morte. É uma coisa de vida ou morte, e a sexualidade é um tema essencial.*

Este contexto, de acordo com estudos atuais (Costa e Santos, 2024; Maffacciolli et al, 2024; Momm *et al,* 2024) realçou uma grande quantidade de fatos que gerou preocupações sobre a violência doméstica que, embora já ocorresse em larga escala, passou a registrar, na pandemia, índices alarmantes, com destaques contra as mulheres.

O fenômeno das sexualidades, no estudo, circunscreve RS que ampliam o foco das consequências do sofrimento psicológico e revela uma preocupação bastante presente para os participantes:

> *P4 - Os outros estão na vida ativa; espera aí! nós não estamos falando de sexo por dinheiro, de programa; o que se fala é de uma vida, de uma questão emocional. Você se envolve, e eles não estão nessa questão de se envolver, eles estão na questão simplesmente de prazer. Então, você não preenche um vazio tendo relação com vários numa noite; **bêbada**, não é? **Ela** diz: eu não sei nem se ele era casado. Do jeito que **ela** foi falando, não era uma sensação de prazer, de satisfação, sabe? De se sentir **satisfeita** com o que fez. Era uma sensação de utilidade. Então, eu acho que é muito perigoso isso. Eu acho que está de uma forma muito banalizada.*
> *P5 - Quantos problemas as pessoas não trazem para a vida adulta, que, às vezes, tem uma conotação sexual. Ou então, um problema que **ela** tem sexualmente, mas que é um problema infantil, que às vezes pode nem ser abuso, mas algum outro problema, de ordem psicológica. (destaque nossos)*

Nos participantes, o olhar, para os resultados dos perigos da experiência sexual, atingem de maneira unilateral ao sexo feminino (Alcantara et al, 2024; Dos Santos, 2024). Nas falas destacadas, o masculino parece estar blindado desse olhar acerca da relação sexual como, em si mesma, uma experiência perigosa, com a eminente vulnerabilidade dos que a praticam, no caso, as mulheres.

3.2.1.2 Valores familiares – Papel da família e valores tradicionais

A segunda classe de RS refere-se aos valores familiares. O papel da família e o impacto dos valores tradicionais morais na educação sexual são alçados como um ponto considerado sensível, conforme evidência discursiva do participante 5:

> *P5 - Olha, eu acho que a gente tem sim um papel importante, assim como os pais, mas eles se isentam. A gente tem alunos de dezessete, dezoito anos, que os pais são muito mais novos do que eu... mas que não aborda, não consegue abordar, por conta de criação de cada um, uma série de coisas de cada um.*

Por esse detalhe, observamos que essa primeira ideia, de que os pais se isentam desse papel e atribuem integralmente à escola, é apenas uma parte da explicação. è preciso estudar as causas para esse constrangimento com a temática da sexualidade, para que, a partir da compreensão, se possa estabelecer caminhos para melhorar essa comunicação, tanto no ambiente familiar, quanto no escolar. Na revisão sistemática de 2011–2021 de Buchard, Barbosa e Filmer (2024) sobre as pesquisas que mostram as percepções da família acerca da sexualidade; sinalizam que tal cenário de constrangimento se dá pela temática ainda ser considerada um tabu e não discutida ou enunciada dentro das residências. Os autores também ressaltam que "(...) no diálogo entre pais e filhos foi verificado que ao tratar do assunto remete a imersão de situações, experiências vividas pelos próprios pais" (Buchard, Barbosa e Filmer, 2024, p. 12). Gagliotto e Gagliotto (2022), em consonância, levam em consideração os aspectos transgeracionais da família, ou seja, há uma internalização dos valores, estereótipos e conflitos em cada membro. Assim, há uma tendência considerável de que os conflitos que não são dissolvidos entre os pais/responsáveis do sujeito e seus respectivos pais, e se encontram interiorizados, possam ser reeditados no sujeito.

A dificuldade em trabalhar com a temática da sexualidade e os processos educacionais envolvidos, desencadeiam outras preocupações, as quais foram destacadas pelos participantes neste estudo: os riscos de violências e os casos de negligências. Devido a vulnerabilidade, está sempre presente no universo de estudantes da escola onde a pesquisa foi realizada, e foi ampliada pelo isolamento social, o que se reafirma pelo estudo é que as famílias, que são idealizadas pelos discursos conservadores, evidenciam locais que potencializam o risco da violência, em todos os seus aspectos, inclusive a sexual (Cabral, *et al*. 2021). Em decorrência da inexistência de uma educação integral em sexualidade, outro ponto bastante relevante é o desconhecimento/desinformação da(o)s estudantes em relação ao próprio corpo, à relação sexual, o prazer, entre outras demandas que emergem no contexto escolar:

> P4 - De genética, eu estava explicando isso, de genética, eu estava explicando a questão da menstruação, da Tensão Pré-Menstrual (...) Sempre. Todo ano, todas as séries, uma ora ou outra, de uma forma ou de outra, em uma linguagem mais simples, para os alunos mais novos, numa linguagem mais avançada, mais técnica para os alunos mais velhos... **sem ser vulgar, eu acho importante isso**, sem usar os termos que eles usam, ser uma coisa mais técnica... Sim, dá para você falar do mesmo jeito só que mais técnico... E, às vezes, ele não sabe o óbvio. Isso que as pessoas precisam entender.

O tratamento que deve ser dado ao conhecimento científico é sempre valorizado, e, parece não passar pela ação pedagógica da prática docente, a preocupação de se partir do conhecimento mais ligado ao cotidiano dos estudantes, visando criar um espaço de aproximação entre aquilo que perpassa a realidade concreta dos estudantes jovens do ensino médio de camadas periféricas e populares e o conhecimento crítico e científico que pode ser o ponto da transformação da realidade social e histórica daqueles estudantes. Vygotsky, em sua obra (Dongo-Montoya, 2021), coloca o papel da interação social como centralizador no entendimento do aprendizado e do desenvolvimento cognitivo. As interações sociais não apenas influenciam o aprendizado, mas são o principal motor do desenvolvimento, portanto, o conhecimento surge e se desenvolve a partir das trocas e experiências com outras pessoas. O autor reforça que o desenvolvimento ocorre em um contexto sociocultural específico, ou seja, as interações sociais não são homogêneas e carregam mas práticas os valores e ferramentas culturais nos quais o indivíduo está inserido.

No espaço dos resultados deste estudo, destacamos, pela percepção dos participantes, a desafiadora tarefa de questionar sem impor valores pessoais, é apresentado como preocupação do fazer docente:

> *P4 - Mas, se é o professor, ele deveria educar não como os valores deles, ele deveria educar, de forma a orientar e não de forma como seus valores, porque, se eu for educar conforme os meus valores, eu acho que educação sexual deveria ser no casamento, relação sexual deveria ser quando você tem maturidade para isso e não no sexto ano. Então, eu não vou entender e achar concebível, que uma criança de sexto ano, já tenha relação sexual com dois, três alunos, isso para mim não é cabível, eu vou respeitar e orientar, mas eu, se fosse educar, eu não educaria para isso.*

Em contrapartida, a expressão do conservadorismo exacerbado se faz presente, sendo necessário pensar sobre as consequências e possíveis expressões de preconceitos, decorrentes dessa forma de pensar e agir:

> P4 - Complicado trabalhar. Deveria existir, mas de forma... é a orientar, de forma correta. Voltada como se fosse assim, tudo muito normal, tudo muito comum, como se não existisse mais família tradicional, não que seja perfeita, não é nada disso e nem que seja errado quem tem opção de gênero diferente, não é isso que eu tô dizendo, mas espera, eu não tenho que achar que, porque uma menina gosta de um menino ela está errada. Porque a forma com que está sendo colocado é como se ela fosse errada.

Nessa direção, ficam evidentes contradições entre a defesa do discurso de fala aberta sobre a temática e o controle sobre as formas de falar, de expressar, sendo esse último atrelado a religião e valores conservadores:

> P4 - Deveria se falar sobre esse assunto, do mesmo jeito eu acho, de forma respeitosa, a mesma coisa que religião, tem que ser respeitado os gêneros, é uma opção da pessoa, só que tem que ser orientado para que não vire uma banalização.

A intolerância é evidenciada por meio da crítica a aceitação a homossexualidade, evidenciando possíveis preconceitos e visão heteronormativa, no ambiente escolar:

> P4 - Ridículas, ridículas. Voltadas a aceitação do homossexualismo[1], voltadas para a aceitação do ser humano como um ser... minha opinião, né? É então é ela.

O estudo de Souza, Silva e Santos (2017), que objetivou analisar as representações sociais de professores do ensino fundamental e médio acerca da diversidade sexual e da homofobia, aponta que tais representações geram preconceitos sutis e contribuem com a homofobia no ambiente escolar. Este preconceito sutil, se caracteriza por um discurso velado ou camuflado que eclipsa os sentimentos e crenças reais do indivíduo ou de determinado grupo social, perpetuando desigualdades por vias de sutilezas e de tolerância. Para os autores, este cenário é resultante das lacunas de formação inicial e continuada dos professores, bem como das normatizações socioculturais e religiosas.

[1] A expressão homossexualismo era comumente utilizada no passado para se referir à orientação sexual de pessoas que se atraem por indivíduos do mesmo sexo. No entanto, essa terminologia é considerada obsoleta e inadequada nos contextos atuais, uma vez que o sufixo "-ismo" sugere uma condição patológica ou uma doença. Em 1990 a Organização Mundial da Saúde (OMS) retirou a classificação da homossexualidade como uma doença ou transtorno mental, sendo hoje reconhecida como uma variação natural da orientação sexual humana. Usa-se o termo "homossexualidade" para se referir à orientação sexual das pessoas que são atraídas pelo mesmo sexo. (Conselho Nacional de Saúde, 2014).

3.2.1.3 Valores religiosos – Repressão/expressão

A terceira classe de RS aborda sobre a influência dos valores religiosos em relação à expressão da sexualidade. O processo de repressão dessa expressão é evidenciado pela intolerância à "opção" de gênero diferente, demonstrando novamente a concepção heteronormativa presente no ambiente escolar:

> *P1 - Tem que bater muito sobre esse assunto, tem que explicar muito bem para as nossas crianças, sobre tudo isso, essa transformação, esses transgênero, tem que explicar muito, porque tem a mente muito fechada.*
> *P4 - Deveria se falar sobre esse assunto, do mesmo jeito eu acho, de forma respeitosa, a mesma coisa que religião, tem que ser respeitado os gêneros, é uma opção da pessoa, só que tem que ser orientado para que não vire uma banalização(...) Então, assim, eu acho que tem que ser orientado das consequências das opções, da questão de corpo, questão emocional, toda essa questão. Voltadas a aceitação do homossexualismo, voltadas para a aceitação do ser humano como um ser... minha opinião, né? É então é ela. Voltada como se fosse assim, tudo muito normal, tudo muito comum, como se não existisse mais família tradicional, não que seja perfeita, não é nada disso e nem que seja errado quem tem opção de gênero diferente, não é isso que eu tô dizendo, mas perai, eu não tenho que achar que porque uma menina gosta de um menino ela tá errada.*

Outra preocupação, possivelmente embasada em valores religiosos tradicionais, versa em relação ao comportamento sexual vulgar, encarado de forma banalizada e desrespeitosa e voltado para o prazer:

> *P4 - Não é uma forma vulgar, então é como se o corpo fosse somente um objeto para você proporcionar o prazer para o outro, ele não é um templo do espírito santo, ele não é um corpo seu, ele vai muito além de um objeto para satisfazer cinco minutos de alguém. Então, eu acho que a política, a forma como o governo está colocando, não... não acho que é correto. Eu acho que não é bem assim, não. (...) Deveria se falar sobre esse assunto, do mesmo jeito eu acho, de forma respeitosa, a mesma coisa que religião, tem que ser respeitado os gêneros, é uma opção da pessoa, só que tem que ser orientado para que não vire uma banalização (. . .) voltada muito pra questão é... momentânea, muito pra questão é... desrespeitosa, muito pra questão de prazer ou de exposição (. . .) percebi o ano passado: não professora, a gente tá experimentando. Não, não tô experimentando sorvete, não é uma coisa que você experimenta e não fica marcas, entendeu, assim, então, pra eles é o agora e não é assim, tem uma consequência, vai ter uma consequência disso. (...) Não é uma forma vulgar, então é como se o corpo fosse somente um objeto para você proporcionar o prazer para o outro, ele não é um templo do espirito santo, ele não é um corpo seu, ele vai muito além de um objeto para satisfazer cinco minutos de alguém.*

A expressão da sexualidade é compreendida como forma de exposição a situações que representem perigo:

> *P4 - Do jeito que ela foi falando, não era uma sensação de prazer, de satisfação, sabe se sentir satisfeita com o que fez, era uma sensação de utilidade. Então eu acho que é muito perigoso isso, então eu acho que tá de uma forma muito banalizada.*

São notórias, possivelmente em decorrência do momento político atual, as críticas e até mesmo a perseguição aos professores que abordam temáticas voltadas à diversidade de gênero:

> *P3 - É complicado, é difícil. Isso é muito criticado quando se fala. Eu... eu falei sobre a ditadura militar e falei de um livro chamado tortura nunca mais, e citei um capítulo que é as torturas sexuais, tá, eu falei do pau de arara, houve reclamação na escola.*

A influência dos valores religiosos tradicionais é notória nas RS dos sujeitos em relação à expressão da sexualidade e possível movimento de controle e repressão, considerando a sexualidade mais ativa do que deveria ser: *"- Curiosidade, eles têm curiosidade."* *(P1); "- É forte, aguçada." (P3); "- Mais ativa do que deveria ser." (P4).*

Outra preocupação apontada versa em relação ao início da vida sexual, considerado precoce: *"- Começa muito cedo. Eu acho que eles estão entrando na vida sexual muito cedo e sem assim... noção de respeito com eles mesmos, nenhuma, sabe assim, com muitas marcas desnecessárias." (P4).*

A dificuldade de entrar em contato com a temática e desenvolver ações voltadas à reflexão sobre educação sexual e gênero, é expressa pela palavra complicado: *"- Complicado trabalhar." (P1).*

Diante da fala dos sujeitos, é necessário refletir sobre o entendimento da palavra sexualidade. Diferentemente do que algumas pessoas pensam, a sexualidade não se refere apenas ao ato sexual propriamente dito; ela abarca também identidades e papeis de gênero, orientação sexual, erotismo, prazer, intimidade e reprodução. O fenômeno da sexualidade se expressa de maneiras diversas, tais como pensamentos, fantasias, desejos, crenças, atitudes, valores, comportamentos, práticas, papeis e relacionamentos.

Como proposto por Maia e Ribeiro (2011), a sexualidade é compreendida como um fenômeno social e histórico, desse modo, um "construto-histórico". Ela está relacionada tanto com nossas crenças, ideologias e imaginações quanto com nosso corpo físico.

Segundo Figueiró (2006), nos ambientes educativos formais e não formais, a educação sexual deve levar ao entendimento consciente da sexualidade em sua amplitude, expressões e vivências, possibilitando posicionamento crítico, por parte dos estudantes, no tocante a questões sociais, políticas e culturais, às quais a sexualidade é intrínseca.

3.2.1.4 Valores educacionais – Ação: intervenção e necessidade

A quarta classe trata sobre as RS em relação aos valores educacionais que geram impacto na ação docente e aponta as necessidades identificadas pelos sujeitos. Nessa direção, abordar sobre a temática é posto como importante e necessário para os sujeitos:

> *P4 - Deveria se falar sobre esse assunto, eu acho, de forma respeitosa.*
> *P5 - que antes as coisas não tinham um nome e agora tem nome, tem um monte de classificações, né, como abordar. (...) Entendeu, para falar, para abordar, sem excluir, é complicado, não é fácil essa nova realidade.*

A necessidade de atualização também fica evidenciada pelas dificuldades relatadas pelos sujeitos, gerando possíveis impactos nas intervenções pedagógicas: *"- Então toda a formação, toda a informação, capacitação, é bem-vinda e necessária, principalmente agora... Que as pessoas estão mais abertas ao dizerem o que sentem ou que está mais aflorado, também, né. Eu acho que é bem-vindo." (P5).*

Outra necessidade que os sujeitos apontam em relação aos alunos versa sobre esclarecer dúvidas e possibilitar informação:

> *P2 - Ai, eu acho que... é muito, muito bom, é muito gratificante, poder ver nossos jovens tá alcançando isso ai, esse esclarecimento, né, se sabe, tem doenças, tem muita coisa, tem muita coisa inclusa ai.*
> *P5 - Ai tem que ser falado, esclarecido, mesmo.*

Orientar assume papel de destaque em relação à educação sexual, sendo encarado como o papel principal do docente no âmbito escolar:

> *P4 - Deveria existir, mas de forma... é a orientar, de forma correta.*
> *P5 - É nosso papel também, de orientar em todos os sentidos, a gente não orienta eticamente, desde a limpeza da sala, o não mentir, eu acho tão importante isso assim, eu falo, é meu papel, sabe. Esse negócio da ética... e esse é um assunto que não pode ficar de fora. E vem e aflora e acontece.*

A necessidade de profissionais especializados para dialogar e orientar sobre a temática é evidenciada pela cobrança de uma equipe multiprofissional: *"- Esse corpo, como que a gente fala... multidisciplinar, entendeu, que você pode orientar de várias formas, né em todas as áreas e principalmente na educação" (P5).*

Falar sobre sexualidade está atrelado à visão biologicista (voltada ao corpo biológico), como apresentado em tópicos anteriores, e é reafirmado nesse momento:

> *P5 - E gente, pelo incrível que pareça [risos], eu não sou professora de biologia, mas eu vivo explicando o que [risos], eu tava explicando outro dia, azinho, azão, lembra? De genética, eu tava explicando isso, de genética, eu tava explicando a questão da menstruação, da TPM, sempre todo ano, todas as séries, uma ora ou outra de uma forma ou de outra, em uma linguagem mais simples, para os alunos mais novos, numa linguagem mais avançada, mais técnica para os alunos mais velhos.*

O processo de repressão da expressão da Sexualidade e o silenciamento de discussões sobre tal temática, no momento atual, ficam evidentes por meio das falas: *"Muito pouco." (P3); "Praticamente não existe esta discussão na escola." (P3).*

A ausência na formação docente e na formação continuada é apontada como dificultadora para as ações e se apresenta como uma necessidade latente:

> *P5 - Eu acho que seria importante sim, ter essa formação para todos os profissionais da educação, a gente tá na linha de frente com esse pessoal. (...) Então a escola carece desse material humano, dessa formação humana, para ser multiplicador com os agentes, pros professores, para toda comunidade escolar no geral. (...) Então como lidar com isso, entendeu, então eu acho que tudo é bem-vindo. Então toda a formação, toda a informação, capacitação, é bem-vinda e necessária, principalmente agora... Que as pessoas estão mais abertas ao dizerem o que sentem ou que está mais aflorado, também, né. Eu acho que é bem-vindo. (...) Então a gente nunca vai saber o suficiente, nem tudo, é preciso melhorar. (...) Então, todo aprendizado eu acho que é bem-vindo sim, toda a formação, né e você trazer aqui pra prática, porque não é fácil, né.*

A negação do papel de professor em relação a ações e intervenções em educação sexual: *"- Não." (P1); "- Eu, diária, eu família deveria educar sexualmente conforme os meus valores." (P4).* Outra preocupação expressiva dos sujeitos versa sobre os cuidados com a linguagem técnica e informação científica, de modo a não vulgarizar ou distanciar-se de explicações técnicas: *"- Sim, dá pra você falar do mesmo jeito só que mais técnico." (P5).* A fala dos sujeitos remete aos retrocessos vivenciados nos últimos anos no Brasil e o seu impacto no ambiente escolar. É observado o silenciamento de discussões e ações, principalmente em relação à diversidade de gênero e combate à homofobia. Diante de tais retrocessos, a sociedade parece conviver com posições antagônicas, que ora denunciam o obscurantismo e dogmatismo, que ignoram a lógica e as evidências científicas, como é o caso dos defensores dos direitos humanos, e por outras vezes, endossam de maneira efetiva ou fervorosa os discursos reacionários (Ribeiro, Monteiro, 2019).

5 CONSIDERAÇÕES

A partir das reflexões deste artigo, podemos compreender as RS de professores, no entanto, apesar de não fornecerem conclusões fechadas, possibilitam realizar apontamentos e reflexões valiosas que, além de compartilhar as reflexões sobre os limites e possíveis avanços, nossa intenção é apresentar os aspectos considerados mais relevantes e possibilitar caminhos para novas investigações, deixando sugestões que possam ampliar a produção de pesquisas sobre as RS de professores em relação às temáticas, educação em sexualidade, gênero e currículo de formação, tanto em nível inicial, quanto na formação continuada.

Como primeiro ponto de consideração, podemos ressaltar que a dificuldade em tratar sobre sexualidade, em especial em escolas de ensino médio, estaria relacionado a uma compreensão, originada no senso comum produzido pela sociedade, que associa a sexualidade à prática sexual, desconsiderando que ela esteja associada a desejos e construções históricas e sociais, que representam elementos essenciais no processo do desenvolvimento do indivíduo na sua concreticidade. No entanto, observamos juntamente com os resultados obtidos neste estudo, que a questão biológica ainda é fortemente reproduzida em uma perspectiva binária e demarcada por aspectos morais e com realce para as implicações negativas.

Outra consideração fundamental é a indicação, que é importante destacar a partir desse estudo, sobre a influência do contexto escolar da inclusão no currículo escolar da temática sexualidade e gênero, partindo dessa visão ampliada, enquanto construções sociais, sendo, portanto um fenômenos que podem ser influenciados pela intencionalidade do trabalho pedagógico da ação docente. Assim, nossa posição, pelo aspecto transformador que a pesquisa científica exige, é de que a escola é considerada uma das mais importantes instituições sociais, esta seria - de maneira paradoxal - um dispositivo de manutenção do status quo que, continuamente, pela sua dinâmica teria os elementos para desvelar as cadeias ideológicas que

impedem a transformação. Vale sempre ressaltar que o espaço escolar, assim como outros ambientes, também se constituiu com um território de disputas.

Um terceiro ponto do estudo aponta que a educação em sexualidade é apresentada pelos participantes como área temática de importante relevância, visto a emergência de conteúdos relacionados a expressões da sexualidade e suas consequências no âmbito escolar. a interferência de valores pessoais e religiosos associados a limitações e inseguranças políticas e organizacionais no âmbito educacional, são indicadores de fatores que limitam a efetivação de uma Educação Integral em Sexualidade, como parte do processo de planejamento do currículo e do Projeto Político e Pedagógica da escola, como atividade efetiva e emancipadora.

Ao apresentar essas considerações, que retomam os objetivos deste artigo, concluímos que existe, no núcleo central da análise do estudo, um forte discurso heteronormatizador, que está tensionado pela estigmatização que envolve a diversidade sexual. Muitas vezes, o discurso, no âmbito escolar, é expresso de forma preconceituosa, pautada em valores socialmente construídos e tradicionalmente perpetuados. Em consequência, isso leva a continuação de violências, reafirmadas e reproduzidas no âmbito escolar. Em contrapartida, na visão dos docentes, a diversidade sexual é apontada como aceita entre os estudantes, bem mais que na geração precedente de professores e pais. Como elementos indicativos de conclusão, o diálogo e acolhimento de demandas apresentadas pelos estudantes é compreendido como prática favorável à educação em sexualidade, no entanto, entraves referentes ao papel docente e papel familiar, são evidenciados. Por vezes, o papel docente enquanto educador sexual é questionado, compreendendo-o como pertinente ao ambiente privado, familiar.

Apresentamos, também, para o debate do tema, pontos de tensão. Notamos, no decorrer da análise deste trabalho, que os profissionais, que neste espaço atuam, demonstram dificuldade em abordar questões de sexualidade e gênero, compreendendo-as como assuntos complicados e difíceis de lidar no cotidiano escolar. Não se trata de culpabilizar os profissionais da educação, mas de propor uma reflexão que perpassa pela formação, tanto inicial de base como continuada, que justifica a continuidade de estudos que abordem essa temática.

O espaço escolar precisa reformular-se e tornar-se um local que de fato problematize e proporcione momentos de debates, escuta, discussão sobre a construção histórica do ser feminino e masculino; pois, educar sexualmente, é possibilitar que o indivíduo exerça o direito do autoconhecimento, acesse conhecimentos necessário para compreender seu corpo e sua sexualidade para que seja plenamente capaz de refletir, questionar e rever tabus sociais, expressar seus sentimentos e, provido de informações, de modo a formar suas próprias conclusões sobre os fatos que envolvem a amplitude do universo sexual. Como proposta de continuidade, para impor à pesquisa científica o compromisso com a transformação, foram

oferecidas à equipe escolar, reuniões para reflexões, estímulo e suporte para elaboração de propostas de intervenções, visando o desenvolvimento de novas práticas pedagógicas referentes à sexualidade e gênero

REFERÊNCIAS

ALCANTARA, P. P. T.; CARNEIRO, F. F.; PESSOA, V. M.; PINTO, A.G.A; MACHADO, M.F.A.S. Cuidado integral às mulheres vítimas de violência. Cien. Saude. Colet. , Rio de Janeiro, RJ, n.29, v.9, 2024. Disponível em: http://cienciaesaudecoletiva.com.br/artigos/cuidado-integral-as-mulheres-vitimas-de-violencia/18925?id=18925. Acesso em: 11 jan. 2025.

BRANDÃO, E. R.; LOPES, R. F. F. "Não é competência do professor ser sexólogo": o debate público sobre gênero e sexualidade no Plano Nacional de Educação. Civitas: revista de Ciências Sociais, [S.l.], v.18, n.1, p.100-123, 2018. DOI: 10.15448/1984-7289.2018.1.28265. Disponível em: https://revistaseletronicas.pucrs.br/civitas/article/view/28265. Acesso em: 10 jan. 2025.

BARBOSA, L. U.; VIÇOSA; C. S. C. L.; FOLMER, V. A educação sexual nos documentos das políticas de educação e suas ressignificações. Revista Eletrônica Acervo Saúde, [S. l.], v.11, n.10, p.e772, jul. 2019. Disponível em: https://acervomais.com.br/index.php/saude/article/view/772 Acesso em 9 jan 2025.

BORTOLOZZI, A. C. Questionário e entrevista na pesquisa qualitativa: Elaboração, aplicação e análise de conteúdo. Cidade: São Carlos. Editores Pedro e João, 2020.

BRASIL. Ministério da Saúde. Coronavirus Brasil. Painel de casos de doença pelo coronavírus 2019 (COVID19) no Brasil pelo Ministério da Saúde. Published 2020. Disponível em: https://covid.saude.gov.br/. Acesso em 10 de janeiro, 2025.

BRASIL. Parâmetros Curriculares Nacionais: orientação sexual. Brasília: SEF/MEC, 1997a. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro102.pdf>. Acesso em: 03.jan. 2025.

BURCHARD, C. P.; BARBOSA, L. U.; FOLMER, V. Percepções da família acerca da sexualidade: uma revisão sistemática. CONTRIBUCIONES A LAS CIENCIAS SOCIALES, [S. l.], v. 17, n. 10, p. e11763, 2024. DOI: 10.55905/revconv.17n.10-259. Disponível em: https://ojs.revistacontribuciones.com/ojs/index.php/clcs/article/view/11763. Acesso em: 12 jan. 2025.

CABRAL, I. E. et al. Diretrizes brasileiras e portuguesas de proteção à criança vulnerável à violência na pandemia de COVID-19. Escola Anna Nery, v. 25, p. e20210045, 2021. Disponível em: https://doi.org/10.1590/2177-9465-EAN-2021-0045 Acesso em 10 jan 2025.

CAMARGO, M. L.; CORRER, R. A pesquisa em psicologia: ensaio sobre a psicologia enquanto ciência, a pesquisa qualitativa e o uso da entrevista como principal instrumento de coleta de dados. Mimesis, Bauru, v. 32, n. 2, p. 147-172, 2011.

CONSELHO Nacional de Saúde (2014). Amanhã (17) será celebrado o Dia Internacional contra a homofobia. Veja abaixo o manifesto da Associação Brasileira de Lésbicas, Gays, Bissexuais e Transexuais (ABGLT). Disponível em: https://conselho.saude.gov.br/ultimas_noticias/2014/05mai_16_lgbt.html. Acesso em: 16 jan 2025.

COSTA, R. G. da; SANTOS, P. M. da S. Problematizações sobre a Violência contra as Mulheres Negras no Contexto da Pandemia de Covid-19. Mediações - Revista de Ciências Sociais, Londrina, v.29, n.2, p.1–23, 2024. DOI: 10.5433/2176-6665.2024v29n2e48908. Disponível em: https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/mediacoes/article/view/48908. Acesso em: 11 jan. 2025.

DOMINGOS, L. F.; SANTANA, C. M. L. de; ZANATTA, C. Adolescência e sexualidade. RECIMA21 - Revista Científica Multidisciplinar, [S.l.], v.2, n.7, p.e27538, 2021. DOI: 10.47820/recima21.v2i7.538. Disponível em: https://recima21.com.br/index.php/recima21/article/view/538. Acesso em: 3 jan. 2025.

DONGO-MONTOYA, A. O. Pensamento e linguagem: Vygotsky, Wallon, Chomsky e Piaget [online]. São Paulo: Editora UNESP, 2021, 156 p. ISBN: 978-65-5714-050-5. Disponível em: https://doi.org/10.7476/9786557140505. Accesso em 13 jan 2025.

FIGUEIRÓ, M. N. D. Educação sexual: Saberes essenciais para quem educa. Curitiba: CRV, 2018.

FIGUEIRÓ, M. N. D. Formação de educadores sexuais: adiar não é mais possível. Campinas: Mercado de Letras; Londrina: EDUEL, 2006.

FRANCISCATI DA SILVA, C. S.; LEIVAR BRANCALEONI, A. P.; RODRIGUES DE OLIVEIRA, R. Base nacional comum curricular e diversidade sexual e de gênero: (des)caracterizações. Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação, Araraquara, v.14, n.esp.2, p.1538–1555, 2019. DOI: 10.21723/riaee.v14iesp.2.12051. Disponível em: https://periodicos.fclar.unesp.br/iberoamericana/article/view/12051. Acesso em: 3 jan. 2025.

GAGLIOTTO, G. M.; GAGLIOTTO, M. M. Sexualidade, educação sexual e instituições sociais: interlocução com a teoria psicanalítica / Sexuality, sexual education and social institutions: interlocution with the psychoanalytical theory. Brazilian Journal of Development, [S. l.], v. 8, n. 7, p. 50750–50764, 2022. DOI: 10.34117/bjdv8n7-136. Disponível em: https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BRJD/article/view/50176. Acesso em: 12 jan. 2025.

GIL, A. C. Como elaborar projetos de pesquisa. São Paulo: Atlas, 2008.

JIMENEZ, C. Menina de 10 anos violentada faz aborto legal, sob alarde de conservadores à porta do hospital. Jornal El Pais, São Paulo, 16 ago 2020, Seção Brasil. Disponível em https://brasil.elpais.com/brasil/2020-08-16/menina-de-10-anos-violentada-fara-aborto-legal-sob-alarde-de-conservadores-a-porta-do-hospital.html; acesso em 10/01/2025.

MAFFACCIOLLI, R.; ESPERANDIO, E. G.; ROSSETTO, M.; GONTIJO, D. H. G.; TEIXEIRA, D. S. Reflexões sobre as estratégias para mitigar vulnerabilidades das mulheres à violência íntima na pandemia de covid-19. Saúde e sociedade. São Paulo, SP, v.33, n.2, e210308pt, 2024. Disponível em: https://www.scielo.br/j/sausoc/a/8BcTJBnmWNGShkyXjKR7Hzw/?lang=pt. Acesso em: 11 jan. 2025.

MAIA, A. C. B, RIBEIRO, P. R. M. Educação sexual: princípios para ação. Doxa, v.15, n.1, p.75-84, 2011. Disponível em: https://www.researchgate.net/profile/Ana-Claudia-Maia/publication/341262997_EDUCACAO_SEXUAL_PRINCIIOS_PARA_A_ACAO_Doxa_v15_n1/links/5eb60a43299bf1287f77decf/EDUCACAO-SEXUAL-PRINCIIOS-PARA-A-ACAO-Doxa-v15-n1.pdf. Acesso em 13 jan 2025.

MANCHINI, I. C. Inserção de conteúdos de Educação Sexual nos cursos de pedagogia das instituições públicas do Estado de São Paulo. (Dissertação de Mestrado), Faculdade de Ciências e Letras, Unesp. Araraquara, São Paulo, p. 95. 2022. Disponível em: https://repositorio.unesp.br/items/45eec5b0-0d81-46dd-8f26-b27a65efe202 Acesso em 10 jan 2025.

MARTINS, I. P.; BARBOSA, C. P.; DEFANI, M. A. A abordagem da educação sexual no ensino básico: uma revisão e relato de experiência. Arquivos do Mudi, [S. l.], v.28, n.3, p.61-81, dez. 2024.

MATTHKE, L. Gênero, sexualidade e educação sexual: O que pensam os/as docentes. Brasília, DF: UniCEU, 2019.

MOIZÉS, J. S.; BUENO, S. M. V. Compreensão sobre sexualidade e sexo nas escolas segundo professores do Ensino Fundamental. Revista da Escola de Enfermagem da USP, [S. l.], v.1, n.44, p.205-212, 2010. Disponível em: https://doi.org/10.1590/S0080-62342010000100029 Acesso em 10 jan 2025.

MOMM, S.; TERRA, M. F.; TRAVASSOS, L.; CHAVES, I. M. S.; FERNANDES B. de S. Violência de gênero e o campo do planejamento e estudos territoriais: um retrato sobre a violência contra as mulheres no município de São Paulo durante o primeiro ano da pandemia de COVID-19. URBE, Rev. Bras. Gest. Urbana. Curitiba, PR. n.15, 2023. Disponível em: https://doi.org/10.1590/2175-3369.015.e20210384. Acesso em: 11 jan. 2025.

MOSCOVICI, S. Representações sociais: Investigações em psicologia social. 2a ed., Petrópolis, RJ: Vozes. 2004.

NOGUEIRA, K.; GRILLO, M. D. Theory of Social Representations: history, processes and approaches. Research, Society and Development, [S. l.], v.9, n.9, p.e146996756, 2020. DOI: 10.33448/rsd-v9i9.6756. Disponível em: https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/6756. Acesso em: 7 jan. 2025.

PAIVA, V.; ANTUNES, M. C.; SANCHEZ, M. N. O direito à prevenção da Aids em tempos de retrocesso: religiosidade e sexualidade na escola. Interface - Comunicação Saúde Educação. Botucatu, SP, v.24, e180625, 2020. Disponível em: https://doi.org/10.1590/Interface.18062. Acesso em 10 jan 2025.

PICOLO, G. S. EDUCAÇÃO INTEGRAL EM SEXUALIDADE NA ESCOLA: concepções de professores/as e gestores/as da rede pública e privada de Ensino Médio. (Dissertação de Mestrado), Faculdade de Ciências e Letras, Unesp. Araraquara, São Paulo, p. 287. 2024. Disponível em: https://repositorio.unesp.br/items/ed4defed-b720-4be9-9c5d-06a0ca7785ef Acesso em 7 jan 2025.

PICOLO, G. S.; ROSSI, C. R. Educação em sexualidade em escolas de ensino médio: percepção de professores. RCMOS: Revista Científica Multidisciplinar O Saber, [S. l.], v. 1, n. 1, 2024. DOI: 10.51473/rcmos.v1i1.2024.434. Disponível em: https://submissoesrevistacientificaosaber.com/index.php/rcmos/article/view/434. Acesso em: 3 jan. 2025.

SANTOS, M. A. dos. VIOLÊNCIA DOMÉSTICA CONTRA MULHERES DAS COMUNIDADES E PERIFERIAS. RECIMA21 - Revista Científica Multidisciplinar - ISSN 2675-6218, [S. l.], v. 5, n. 1, p. e514781, 2024. DOI: 10.47820/recima21.v5i1.4781. Disponível em: https://recima21.com.br/index.php/recima21/article/view/4781. Acesso em: 12 jan. 2025.

SILVA, M. M. da. Pedagogia histórico-crítica e sexualidade na educação escolar: considerações a partir da análise do tema “orientação sexual” nos Parâmetros Curriculares Nacionais. Germinal: marxismo e educação em debate, [S.l.], v.7, n.1, p.78–88, 2014. DOI: 10.9771/gmed.v7i1.9684. Disponível em: https://periodicos.ufba.br/index.php/revistagerminal/article/view/9684. Acesso em: 3 jan. 2025.

SOARES, Z. P.; MONTEIRO, S. S. Formação de professores/as em gênero e sexualidade: possibilidades e desafios. Educar em Revista, Curitiba, Brasil, v. 35, n. 73, p. 287-305, jan./fev. 2019. Disponível em: https://doi.org/10.1590/0104-4060.61432 Acesso em 2 jan 2025

SOUZA, E. de. J., SILVA, J. P. da, SANTOS, C. Representações de docentes acerca da diversidade sexual e homofobia. Estudos Feministas, Florianópolis, 25(2): 519-544, maio-agosto/2017. Disponível em: https://doi.org/10.1590/1806-9584.2017v25n2p519 Acesso em 13 jan. 2025.

VICENTE, L. DA S. A educação sexual nas diferentes versões da base nacional comum curricular: da abertura ao silenciamento em torno da temática. Educação em Revista, Belo Horizonte, MG, S.l, v.40, n.40, 2024. Disponível em: https://periodicos.ufmg.br/index.php/edrevista/article/view/45439. Acesso em: 11 jan. 2025.

BARBOSA, L. U.; VIÇOSA; C. S. C. L.; FOLMER, V. A educação sexual nos documentos das políticas de educação e suas ressignificações. Revista Eletrônica Acervo Saúde, Local de publicação, v.11, n.10, p.e772, jul. 2019.

BORTOLOZZI, A. C. Questionário e entrevista na pesquisa qualitativa: Elaboração, aplicação e análise de conteúdo. Cidade: São Carlos. Editores Pedro e João, 2020.

BRASIL. Parâmetros Curriculares Nacionais: orientação sexual. Brasília: SEF/MEC, 1997a. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro102.pdf>. Acesso em: 03.jan. 2025.

CAMARGO, M. L.; CORRER, R. A pesquisa em psicologia: ensaio sobre a psicologia enquanto ciência, a pesquisa qualitativa e o uso da entrevista como principal instrumento de coleta de dados. Mimesis, Bauru, v. 32, n. 2, p. 147-172, 2011.

DOMINGOS, L. F.; SANTANA, C. M. L. de; ZANATTA, C. Adolescência e sexualidade. RECIMA21 - Revista Científica Multidisciplinar, Local de publicação, [S.l.], v.2, n.7, p.e27538, 2021. DOI: 10.47820/recima21.v2i7.538. Disponível em: https://recima21.com.br/index.php/recima21/article/view/538. Acesso em: 3 jan. 2025.

FIGUEIRÓ, M. N. D. Educação sexual: Saberes essenciais para quem educa. Curitiba: CRV, 2018.

FRANCISCATI DA SILVA, C. S.; LEIVAR BRANCALEONI, A. P.; RODRIGUES DE OLIVEIRA, R. Base nacional comum curricular e diversidade sexual e de gênero: (des)caracterizações. Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação, Araraquara, v.14, n.esp.2, p.1538–1555, 2019. DOI: 10.21723/riaee.v14iesp.2.12051. Disponível em: https://periodicos.fclar.unesp.br/iberoamericana/article/view/12051. Acesso em: 3 jan. 2025.

Gil, A. C. Como elaborar projetos de pesquisa. São Paulo: Atlas, 2008.

MANCHINI, I. C. Inserção de conteúdos de Educação Sexual nos cursos de pedagogia das instituições públicas do Estado de São Paulo. 2022 (Dissertação de Mestrado), Faculdade de Ciências e Letras, Unesp.

MARTINS, I. P.; BARBOSA, C. P.; DEFANI, M. A. A abordagem da educação sexual no ensino básico: uma revisão e relato de experiência. Arquivos do Mudi, Local de publicação, v.28, n.3, p.61-81, dez. 2024.

MATTHKE, L. Gênero, sexualidade e educação sexual: O que pensam os/as docentes. Brasília, DF: UniCEU, 2019.

MOSCOVICI, S. Representações sociais: Investigações em psicologia social. 2a ed., Petrópolis, RJ: Vozes. 2004.

NOGUEIRA, K.; GRILLO, M. D. Theory of Social Representations: history, processes and approaches. Research, Society and Development, [S. l.], v.9, n.9, p.e146996756, 2020. DOI: 10.33448/rsd-v9i9.6756. Disponível em: https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/6756. Acesso em: 7 jan. 2025.

PICOLO, G. S.; ROSSI, C. R. Educação em sexualidade em escolas de ensino médio: percepção de professores. RCMOS: Revista Científica Multidisciplinar O Saber, Local de publicação, v. 1, n. 1, 2024. DOI: 10.51473/rcmos.v1i1.2024.434. Disponível em: https://submissoesrevistacientificaosaber.com/index.php/rcmos/article/view/434. Acesso em: 3 jan. 2025.

SILVA, M. M. da. Pedagogia histórico-crítica e sexualidade na educação escolar: considerações a partir da análise do tema "orientação sexual" nos Parâmetros Curriculares Nacionais. Germinal: marxismo e educação em debate, Local de publicação [S.l.], v.7, n.1, p.78–88, 2014. DOI: 10.9771/gmed.v7i1.9684. Disponível em: https://periodicos.ufba.br/index.php/revistagerminal/article/view/9684. Acesso em: 3 jan. 2025.

SOARES, Z. P.; MONTEIRO, S. S. Formação de professores/as em gênero e sexualidade: possibilidades e desafios. Educar em Revista, Local de publicação, v.35, n.73, p.287-305, 2019. Doi https://doi.org/10.1590/0104-4060.61432